

UMA ANÁLISE HISTÓRICA E HISTORIOGRAFIA DAS MULHERES: POR QUE ESTUDAR AS TRABALHADORAS DA FABRILJUTA (1970-1980)?

A HISTORICAL ANALYSIS AND HISTORIOGRAPHY OF WOMEN: WHY STUDY THE WORKERS OF FABRILJUTA (1970-1980)?

MATHEUS RODRIGUES DA SILVA¹

IRVANA GÓES DOS SANTOS²

LORENA MUNIZ SOARES³

Resumo: Ao longo do processo histórico, as mulheres foram silenciadas pelo sistema patriarcal, que lhes negou autonomia e direitos sociais de participação, impedindo que tivessem suas vozes ouvidas em espaços públicos, como a política e o mercado de trabalho. Nesse sentido, este artigo propõe uma análise sob uma perspectiva amazônica, com o objetivo de ampliar a discussão sobre a presença e a ausência das mulheres no processo histórico conhecido como economia da juta na Fabriljuta na cidade de Parintins, interior do estado do Amazonas, com recorte nas décadas de (1970-1980). Metodologicamente, realizaremos uma revisão de literatura sobre a temática feitas anteriormente e abordaremos a história oral a começar pela construção da memória das colaboradoras, abordando seus silenciamentos e a necessidade de ampliar a produção sobre a história das mulheres nas questões bibliográficas. A problemática central consiste em investigar em que medida a história e a historiografia das mulheres contribuem para a análise das memórias das trabalhadoras da Fabriljuta? Busca-se, sobretudo, delinear o gênero como elemento essencial para refletir sobre a inserção feminina no mundo do trabalho na Amazônia e compreender como a imagem das mulheres foi construída dentro da historiografia.

Palavras chaves: História; Historiografia; Mulheres.

Introdução

Ao destacar as mulheres nos mundos do trabalho e sua representação na história e historiografia, este artigo tem o intuito de problematizar a presença e a ausência das mulheres

¹ Doutorando em História (PPGH) pela Universidade Federal do Amazonas (UFAM), Mestre em Sociedade e Cultura na Amazônia pela Universidade Federal do Amazonas (UFAM). E-mail: matheuskarl895@gmail.com.

² Mestre em Sociedade e Cultura na Amazônia pela Universidade Federal do Amazonas (UFAM). E-mail: irvana.goes@manaus.am.gov.br

³ Doutoranda em Educação pela Universidade de São Paulo (USP), Mestre em Sociedade e Cultura na Amazônia pela Universidade Federal do Amazonas (UFAM). E-mail: lorena.soares@usp.br

na história e na sua escrita. O tema faz parte de um recorte de doutorado sobre as trajetórias das trabalhadoras da Fabrijuta, com delimitação temporal e espacial entre 1970 e 1980, na cidade de Parintins, localizada na mesorregião de Parintins, no centro amazonense, na divisa com o estado do Pará. Usaremos essa delimitação temática com o objetivo de refletir sobre a inserção feminina no mundo do trabalho fabril na Amazônia e como a imagem das mulheres foi construída dentro da historiografia, problematizando as produções existentes e a construção das memórias dessas sujeitas como protagonistas que dão voz a si mesmas. Portanto, partimos de uma questão central: a investigação acerca da história e da historiografia das mulheres consiste em compreender, em que medida esses campos contribuem para a interpretação das memórias das trabalhadoras da Fabrijuta?

Para iniciar essa problemática é necessário entender o contexto histórico conhecido como economia da juta, pois a fundação da fábrica e a inserção das trabalhadoras está relacionado a esse período, que se desenvolve na década de 1930, na região do médio Amazonas nas áreas alagadas e férteis da mesorregião do Baixo-Amazonas, onde trabalhadores remanescentes do período da borracha e imigrantes japoneses consolidariam a produção na Amazônia⁴¹

A construção da Fabriljuta se inicia oficialmente em 22 de abril de 1964, com a visita dos vereadores da cidade de Parintins. O empreendimento era dirigido pelo senhor Raimundo Djard Viera ao lado do gerente Alfredo Tapajós. A fábrica foi financiada pelas seguintes agências: Superintendência do Desenvolvimento da Amazônia – SUDAM, o Banco Nacional de Desenvolvimento Econômico – BNDE, Banco da Amazônia – BASA e do Banco Estadual do Amazonas – BEA. Inicialmente, o propósito desse projeto era para beneficiamento e prensagem da fibra da juta, mas com os investimentos das agências citadas, iniciou-se o processo de industrialização da matéria-prima.

Assim, iremos refletir sobre as formas de se construir, teórica e metodologicamente, uma história das mulheres por meio de um recorte de pesquisa que envolve a representação, a cultura e as desigualdades de gênero, classe e raça de sujeitas que estiveram inseridas em uma fábrica têxtil na segunda metade do século XX. Como revisão de literatura, destacamos alguns trabalhos que foram produzidos sobre a temática, pois fazer essa conexão com essas pesquisas é importante para entender o que já foi desenvolvido dentro da historiografia regional.

Citaremos três trabalhos que direcionam nosso pensamento sobre o que está sendo

⁴¹ NODA, Sandra do Nascimento. **Relações de trabalho na produção amazonense de juta e malva**. 1985. Dissertação (Mestrado) – Universidade de São Paulo, Piracicaba, 1985. Disponível em: <https://teses.usp.br/teses/disponiveis/11/0/tde-20240301-150525/>. Acesso em: 21 set. 2025.

produzido, entre eles estão a dissertação intitulada “As experiências de trabalhadores/as da Fabriljuta em Parintins – AM⁵”, que traz um panorama mais geral em torno dos trabalhos da fábrica na cidade Parintins, a partir, da sociologia do trabalho através das memórias desses sujeitos e sujeitas dentro do contexto econômico e social da Amazônia, mas não se direciona para a questão gênero e a representação feminina dentro da história regional e local. O segundo trabalho de pesquisa cujo título da dissertação é “Colhendo memórias, tecendo histórias: trajetória de mulheres e os mundos do trabalho no baixo Amazonas (1930-1990), aborda as memórias das trabalhadoras no Baixo-Amazonas⁶” relaciona o mundo do trabalho na economia da juta com memórias das trabalhadoras, porém não conecta diretamente com as fábricas de tecelagem no Amazonas que inseriu essa força de trabalho em suas linhas de produção, limitando sua análise as trabalhadoras da zona rural. E, por último, a tese a “As trabalhadoras e trabalhadores têxteis e sua fábrica em Santarém: experiência operária, justiça do trabalho e indústria de sacaria do Baixo-Amazonas, 1951-1990” que aborda um panorama geral sobre as experiências de trabalhadoras na cidade de Santarém-PA, onde é utilizado a memória social e individual para compreender o protagonismo e as formas de resistências desses sujeitos (as) diante de suas experiências de trabalho, enfrentando sua delimitação, que se resume a um espaço e tempo diferente, em outro estado com outros sujeitos e sujeitas⁷. Ao apresentar alguns trabalhos, o intuito é evidenciar que a inserção das mulheres fabris amazônidas⁸ nas fábricas de tecelagem ainda precisa ser ampliada, ainda existem lacunas a ser preenchidas a respeito da imagem dessas sujeitas e as relações de poder que se produziram nesse espaço e tempo.

Para essa reflexão faremos uma revisão de bibliografia, onde apresentaremos discussões sobre a história e historiografia das mulheres. Abordaremos algumas categorias de análises nos seguintes subtópicos: A história das mulheres e a historiografia, onde iremos problematizar a categoria gênero e o silenciamento das mulheres dentro história; também iremos discutir sobre os mundos do trabalho e as mulheres, para entender a inserção feminina dentro da dimensão do trabalho

Além disso, iremos problematizar a Memória e História das mulheres, com ênfase na

⁵ SILVA, Matheus Rodrigues. **As experiências de trabalhadores/as da Fabriljuta em Parintins – AM**. 2024. 124 f. Dissertação (Mestrado) - Universidade Federal do Amazonas, Manaus, 2024.

⁶ UCHÔA, Mayra de Oliveira. **Colhendo memórias, tecendo histórias: trajetória de mulheres e os mundos do trabalho no baixo Amazonas (1930-1990)**. 2021. 177 f. Dissertação (Mestrado) - Universidade Federal do Amazonas, Manaus (AM), 2021.

⁷ TRISTAN, Daniela Rebelo Monte. **Trabalhadores da Tecejuta: Experiência Operária e Construção da Memória numa Fábrica Textil do Oeste do Pará (Santarém, 1951-1990)**. Dissertação (Mestrado) – Programa de Pós-Graduação em História pela Universidade Federal do Amazonas-UFAM. 2016.

⁸ Termo utilizando para designar as mulheres indígenas e caboclas da Amazônia. TORRES, Iraildes Caldas. *As novas Amazônidas* -Manaus: Editora da Universidade Federal do Amazonas, 2005. p.18-20

metodologia de história oral, com intuito de compreender a importância de destacar as vozes femininas através da construção das memórias dessas trabalhadoras. Para esta etapa por se tratar de uma pesquisa que envolve seres humanos, torna-se imprescindível assegurar o cumprimento dos aspectos éticos, garantindo o respeito à dignidade, à liberdade e à autonomia dos participantes, bem como sua proteção, conforme estabelece a Resolução CNS nº 466/2013. O projeto foi submetido ao Comitê de Ética em Pesquisa da Universidade Federal do Amazonas, por meio da Plataforma Brasil, e aprovado sob o parecer consubstanciado do CAEE nº (81846324.0000.5020).

A história das mulheres e a historiografia

Ao refletirmos sobre as histórias das mulheres, é necessário entender que, por muito tempo elas foram silenciadas dentro da história e da historiografia. Conforme destaca Michele Perrot, construiu-se um “oceano de silêncios” em que as mulheres foram esquecidas. O sistema patriarcal impôs-se sobre elas, segregando-as por seu gênero, por sua raça e sua classe, excluindo-as dos espaços públicos, invisibilizando suas ações de resistência, suas memórias e cultura⁹.

Em concordância com Michele Perrot, é importante ressaltar um lugar na história para as mulheres, a partir do olhar delas próprias. As fontes sobre suas trajetórias são escassas e, quando elas aparecem na historiografia tradicional geralmente surgem sob uma perspectiva masculina, o que silencia suas vozes e apaga ou mistura suas memórias com as dos homens¹⁰.

Em relação à hierarquização dos sexos, Pierre Bourdieu em “Dominação Masculina sob uma perspectiva das estruturas do o campo simbólico, afirma:

A força da ordem masculina se evidencia no fato de que ela dispensa justificativa: a visão androcêntrica impõe-se como neutra e não tem necessidade de se enunciar em discursos que visem legitimá-las. A ordem social funciona como uma imensa máquina simbólica que tende a ratificar a dominação masculina sobre a qual se alicerça: é a divisão social do trabalho, distribuição bastante estrita das atividades atribuídas a cada um dos dois sexos, de seu local, seu momento, seus instrumentos, é a estrutura do espaço, opondo o lugar de assembleia ou de mercado, reservados aos homens, e casa, reservada às mulheres, ou, no interior desta entre a parte masculina, com o salão, e a parte feminina, com o estábulo, a água e os vegetais; é a estrutura do tempo, a jornada, o ano agrário, ou ciclo de vida, com momentos de

⁹ PERROT, Michelle. **Minha história das mulheres** / Michelle Perrot; [tradução Angela] .Bauru, SP; EDUSC, 2005. p.9

¹⁰ PERROT, Michelle. **As mulheres ou os silêncios da história**. Tradução: Viviane Ribeiro, 2007. p.31.

ruptura, masculinos, e longos períodos de gestação, femininos¹¹.

A composição das relações simbólicas de força entre o sexo masculino e feminino buscou se legitimar por meio das definições biológicas e da divisão social do trabalho. O autor refere-se às diferenças físicas do corpo como um fator construído e legitimado em um processo de dominação masculina, na medida em que os papéis são delimitados pelo mundo social e por uma ordem simbólica vigente, que nem sempre se revela de forma explícita no discurso do dominante.

Entretanto, ao ampliar essas vozes, o foco não é “dar voz” às mulheres, como se aqueles que pesquisam a história das mulheres fossem uma espécie de seus porta-vozes. Gayatri Chakravorty Spivak, dentro de uma perspectiva decolonial, chama atenção para a seguinte questão sobre o lugar da fala e a composição dos discursos sobre a mulher subalterna nas regiões chamadas de “terceiro mundo”. Onde questiona a construção da visão do outro sobre as mulheres dentro de um pensamento ocidental¹².

Dessa forma, o silêncio das mulheres na historiografia pode ser relacionado à pesquisa sobre as trabalhadoras da Fabriljuta, em Parintins, nas décadas de 1970 e 1980, em que as vozes dessas mulheres podem ser evidenciadas a partir delas próprias, enquanto sujeitas diversas, nas quais ninguém pode falar por elas além delas mesmas. Assim, elas deixam de ser vistas apenas como objetos de pesquisa para se tornarem protagonistas de suas próprias histórias.

Dito isso, é fundamental compreender que falar sobre elas é menos importante do que ouvi-las diretamente. Destarte, ao direcionarmos a reflexão para dentro da historiografia regional, Maria Luiza Ugarte Pinheiro nos ajuda a compreender o percurso da escrita da história das mulheres no Amazonas, a partir do qual podemos afirmar o seguinte:

Embora a figura feminina estivesse sempre presente nos romances, na literatura e na poesia amazonense, como também em outras formas de artes, quando voltamos o olhar para a historiografia amazonense em busca de estudos que localizassem a presença e contribuição das mulheres para a construção da sociedade amazonense ou que focalizasse suas trajetórias e vivência, o que se observa era um enorme silêncio. Quando muito, no cenário regional, era somente de forma marginal que elas apareciam, quando apareciam!¹³

Sob tal ótica, podemos perceber que, dentro da historiografia tradicional do Amazonas, as mulheres ocuparam poucos espaços, seja como protagonistas do processo

¹¹BOURDIEU, Pierre. **A dominação Masculina**. Tradução Maria Helena Kuhnner. – 9ª ed. – Rio de Janeiro: Bertrand Brasil, 2010. p.18.

¹²SPIVAK, Gayatri Chakravorty. **Pode o Subalterno falar?** Tradução de Sandra Regina Goulart Almeida, Marcos Pereira Feitosa, André Pereira Feitosa. - Belo Horizonte: Editora UFMG, 2010. p.23.

¹³PINHEIRO, Maria Luiza Ugarte. **Caminhos da história das mulheres no Amazonas**. In: Queiroz, César Augusto B. (org.). *Historiografia amazonense em perspectiva*. Manaus: Editora Valer, 2020. p.223.

histórico, seja como temas de pesquisa, ainda que existam diversos trabalhos que abordem o universo feminino. Ao alargar essas discussões, o intuito é relacionar a categoria gênero às práticas e aos movimentos de emancipação feminina, em especial ao movimento feminista. É nas ações emancipatórias que observamos o protagonismo feminino.

Embora não haja negação explícita sobre a questão de gênero dentro das universidades ou nas relações de trabalho, o conceito de feminismo ainda causa certo alvoroço. Segundo a autora, é mais fácil aceitar o termo “gênero” do que “feminismo”, uma vez que este último foi historicamente visto como um inimigo a ser combatido. Um discurso foi construído ao longo do tempo em torno dessa palavra, descaracterizando a própria ideia de mobilização das mulheres em busca de emancipação e, consequentemente, invisibilizando suas conquistas.¹⁴

Nesse sentido, Ivânia Maria Carneiro Vieira ressalta:

A construção do espaço de expressão da mulher faz parte de um cenário de guerra, no qual, cotidianamente, inúmeras batalhas são travadas. A maioria delas se faz silenciosamente, não como resultado de uma estratégia mundializada ou de articulações deste sexo, e sim como alternativa de (sobre)vivência, um ato diário de teimosia ante a cultura, ideologicamente demarcada no Ocidente, de colocá-las como um dos apêndices da história das sociedades¹⁵.

A autora nos ilumina sobre a ocupação dos espaços pelas mulheres como uma espécie de guerra onde batalhas são travadas dentro do cotidiano e nem sempre são visíveis, estratégias são formuladas e reformuladas como mecanismos de sobrevivências, onde sua teimosia contras as estruturas de poder muitas vezes se apresentou como um simples nota de rodapé nos anais da história tradicional ocidental.

Desta maneira, precisamos apresentar as mulheres dentro do processo histórico, por suas ações diretas e indiretas, onde elas se impõem e buscam quebrar as normas do poder vigente, pois, se trata de pluralizar o movimento feminista em sua ação abstrata e concreta, ou seja, em suas ideias e seu movimento prático para atingir a emancipação feminina, já que “a consciência de discriminação supõe uma postura diferente diante dos fatos”¹⁶.

Portanto, entender o que é feminismo é compreender as mais diversas mobilizações por seus direitos de existir e ser, assim, autoras como Iraídes Caldas Torres nos ajuda pensar as ações das mulheres do interior da Amazônia na década 1970 a 1980 dentro da problemática das relações de poder na região com inserção de gênero nessa análise onde “a

¹⁴ GARCIA, Carla Cristina. **Breve História do feminismo** – São Paulo : Claridade, 2015.p.2.

¹⁵ VIEIRA, Ivânia Maria Carneiro. **O discurso operário e o espaço da fala da mulher**: Um estudo sobre o Linha de Montagem. Manaus: Editora Valer / Governo do Estado do Amazonas, 2002.p.23.

¹⁶ GARCIA, op. cit., p.06.

crescente demanda do gênero feminino vem sendo acompanhada de conquista e de rupturas carregadas de ambiguidades e tensões em relações com o gênero masculino.”¹⁷ Apesar da autora apontar uma perspectiva pós-estruturalista baseada na divisão sexual, é indicado os conflitos que são gerados dentro das desigualdades de gênero, mas que não podem se resumir apenas às questões biológicas.

Em outras palavras, a Amazônia tem sua própria especificidade, se diferencia do resto do país, a peculiar condição feminina da região precisa ser vista e revista dentro do espectro social, político, econômico e cultural da região. Portanto as vivências e experiências no mundo do trabalho são diferentes, assim como a relação público e privado das mulheres amazônidas que marcaram suas memórias ao lembrar do espaço que adentraram e trabalharam.

Michele Perrot em seu livro “Minha História das Mulheres” aborda a invisibilidade das mulheres, apontando que ao longo do tempo elas estiveram presente nos mais diversos espaços. A autora destaca que não existe uma história sem as mulheres, partindo desse ponto torna-se necessário problematizar a história das trabalhadoras da Fabriljuta na cidade de Parintins, evidenciando os espaços que elas ocuparam e reivindicaram¹⁸.

Partindo desse ponto, alguns conceitos chaves para entender as ações e as práticas feministas devem ser apresentados, exemplificando palavras chaves a serem problematizadas. Carla Cristina Garcia conceitualiza a palavra androcentrismo, que envolve a construção de uma história universal ditada pelos homens, onde as mulheres desaparecem como sujeitas de sua própria história. Outros conceitos como patriarcado, gênero, sexismo são apresentados e desconstruídos pela autora, com a intenção de quebrar a ideia de determinismo biológico que se produziu em torno das mulheres, por um sistema de dominação masculina¹⁹.

Temos a possibilidade de compreender os surgimentos das ações de emancipação das mulheres ao longo do tempo, através das chamadas “ondas do feminismo” onde nos é apresentado o processo de luta das mulheres no tempo histórico. Para efeito explicativo, segundo Jacilene Maria Silva “o termo onda feminista se refere ao tempo histórico em que houve efervência acentuada de determinadas pautas e problemáticas das mulheres que agiam e tomavam a frente dos debates”²⁰.

Ou seja, em cada período da história essas ondas tiveram personagens e

¹⁷ TORRES, Iraídes Caldas. **As novas Amazônidas**. Manaus: Editora da Universidade Federal do Amazonas, 2005. p.15.

¹⁸ PERROT, 2007.

¹⁹ GARCIA, 2015.

²⁰ SILVA, Jacilene Maria. **Feminismo na atualidade: a formação da quarta onda**. Recife: Independently published, 2019. p.07

peculiaridades, reivindicações e protagonistas diferentes, atreladas a um tempo específico, divididas em três momentos: 1ª onda se iniciou entre o século XIX e XX, concentrado nos Estados Unidos da América e Reino Unido, reivindicavam principalmente o direito ao espaço e sufrágio universal que lhes garantiriam o direito ao voto. A 2ª onda é iniciada nos anos de 1950, após a publicação do livro “Segundo Sexo” de Simone de Beauvoir onde se questionou o preconceito e diferença entre os sexos e gêneros, para além de uma construção biológica, cujos fatores está diretamente relacionado a construção social e as imposições de papéis que seriam determinados ao sujeitos. A 3ª onda se deu na década de 1980 até de 1990, conectada aos eventos históricos que condicionaram o fim da guerra fria e ascensão cultura e econômica dos Estados Unidos da América, novas abordagens teóricas como o pós-estruturalismo surgem para questionar o sentido de mulher, experiências vividas, posições decoloniais e interseccionais onde raça, classe e gênero não podem ser discutidos separadamente. E, finalmente a 4ª é desencadeada pelo mundo da internet após 2012, por meio das tecnologias de informação e comunicação-TIC, onde principal centro de organização e articulação são das redes sociais, usadas para propagação de ideias emancipatórias feministas²¹.

Escrever uma história das mulheres é reconhecer sua história e importância no tempo, na qual podemos enfatizar as rupturas e permanências na história e historiografia das mulheres. De acordo com a citação da autora Diva do Couto Gontijo Muniz (2018), “história das mulheres se impõe, faz e tem todo o sentido. Se apostamos na mudança das relações humanas, entre mulheres e homens, à luz da orientação cidadã, impõe-se conferi-lhes visibilidade e dizibilidade, isto é inteligibilidade histórica”.²² Assim, é necessário desconstruir e reconstruir a história das mulheres não pela ideia universal ditada por homens, mas pela pluralidade e singularidade que envolve essas sujeitas nos mais diversos espaços, sejam públicos ou privados. “Sob tal lógica, impõe-se considerar as mulheres não como conjunto homogêneo e coeso, mas em sua complexidade, instabilidade e diversidade étnica, racial, de classe de sexo/gênero, geração, religião, escolaridade ocupação”²³.

Deste modo, é importante apontar esses conjuntos que envolvem essas agentes históricas, em suas formas coletivas, individuais nas suas maneiras de existir, de ser e de viver, pois não se trata de uma história de mulher, mas das mulheres em suas próprias especificidades.

²¹MUNIZ, Diva do Couto Gontijo. Sobre História e Historiografia das mulheres. In: **Caderno Espaço Feminino**/Uberlândia, MG/V.31/n.1/seer.ufu.br/index.php/neguem/jan./jun2018. 2018. p.25.

²²*Ibid.*, p.148.

²³*Ibid.*, p.148.

Assim, ao refletirmos criticamente, situamos a história das mulheres no Brasil tanto como objeto quanto como sujeito histórico, com isso, pode se afirmar:

A incorporação das mulheres como sujeitos/objetos das narrativas históricas é relativamente recente e ocorreu em meio ao movimento de crítica interna da disciplina de interpretação sobre seu próprio campo, de questionamentos de seus postulados, inscritos nos movimentos de críticas à ciência e à cultura do pós guerra, que incluiu os feminismo²⁴.

Destarte, a autora faz uma análise da história das mulheres que privilegia novas abordagens teóricas e metodológicas que contribuam para ampliar a discussão dessa disciplina, através da interdisciplinaridade, novas fontes, que inclua a relação público e privado, cotidiano e mentalidade.

Demonstramos a emergência no campo de pesquisa que envolve a história das mulheres, partindo de uma nova historiografia que as destaquem de forma ampla e crítica “no alargamento e pluralização ocorridos no campo, opera-se a incorporação de sujeitos/objetos até então excluídos do discurso historiográfico: “pessoas comuns,” “vista de baixo”, “infames”. Dentre elas as mulheres”²⁵. Ao relacionar com a temática das trabalhadoras da Fabriljuta, as suas histórias precisam ser abordadas e enfatizadas, pois são mulheres que estão dentro da dimensão do trabalho que abrange seu cotidiano, sua mentalidade e representação, a partir da cultura do trabalho fabril na cidade de Parintins.

Mundos do trabalho e as mulheres

Abordaremos a representação do trabalho feminino e suas especificidades, desigualdades e protagonismos, pois as mulheres sempre estiveram ligadas aos mundos do trabalho, seja no campo, dentro de uma fábrica ou no lar, remuneradas ou não. Delimitaremos para o trabalho fabril e a presença das mulheres dentro das fábricas, onde o protagonismo feminismo é evidenciado através da conquista do espaço público e os preconceitos produzidos pela sociedade dominada pela visão masculina ou seja patriarcal, que excluía a mulher e seu protagonismo dentro dos mundos do trabalho.

A mulher das camadas sociais diretamente ocupadas na produção de bens e serviços nunca foi alheia ao trabalho. Em todas épocas e lugares tem contribuído para a subsistência de sua família e para criar a riqueza social. Nas economias pré

²⁴MUNIZ, 2018, p.154.

²⁵ *Ibid.*, p.155.

capitalistas, especificamente no estágio imediatamente anterior à revolução agrícola e industrial, a mulher das camadas trabalhadoras era ativa: trabalhava nos campos e nas manufaturas, nas minas e nas lojas, nos mercados e nas oficinas, tecia e fiava, fermentava a cerveja e realizava outras unidades de produção, as mulheres e as crianças desempenhavam um papel econômico fundamental.²⁶

Dentro da perspectiva de classe, o trabalho feminino historicamente sempre esteve ligado a produção social onde mulheres estavam diretamente ligadas a ocupação produtiva como parte essencial da economia que remonta o período que antecede o capitalismo, onde o sistema patriarcal ²⁷ prevalecia. Portanto, entender esse universo nos ajuda a refletir sobre a representação das trabalhadoras na Fabriljuta em Parintins e a imagem que se produziu sobre elas.

Destaca-se que “as mulheres sempre trabalharam, seu trabalho doméstico, reprodução, não valorizados, não remunerados”²⁸, isso nos ajuda a pensar não só as trabalhadoras em uma fábrica, mas no campo de onde vieram, e dentro de suas casas, fazendo dupla e até tripla jornada, apontando as desigualdades de gênero nesses espaços de trabalhos.

Desse modo, ao problematizar o processo de inserção das mulheres nas fábricas no Brasil, é elucidado que “nas primeiras décadas do século XX, no Brasil, grande parte do proletariado é constituído por mulheres e crianças²⁹”, Margareth Rago evidencia que a mulher proletária torna-se cada vez mais presente dentro das linhas de produção, sua representação se construiu através da literatura, denúncias de assédio sexuais e morais contra seus patrões³⁰. Apesar de apontar um contexto espacial e temporal diferente, a autora chama atenção para a emergência de produzir uma história sobre o universo do trabalho feminino.

Não é à toa que, até recentemente, falar das trabalhadoras urbanas no Brasil significava retratar um mundo de opressão e exploração demasiada, em que elas apareciam como figuras vitimizadas e sem nenhuma possibilidade de resistência. Sem rosto, sem corpo, a operária foi transformada numa figura passiva, sem expressão política nem contorno pessoal.³¹.

A autora nos ajuda a pensar e escrever a história das trabalhadoras da Fabriljuta para

²⁶ SAFFIOTH, Heleith Iara Bongioviani. **A mulher na sociedade de classes**. 3 ed. São Paulo: Expressão Popular, 2013.p.61-62.

²⁷ Segundo Carla Cristina Garcia, o conceito de patriarcado pode ser entendido como um sistema político de dominação sobre as mulheres e as famílias, abrangendo as relações sexuais, de trabalho cujas experiências individuais de opressão estava ligada a um sistema opressor imposto a todas as mulheres. GARCIA, 2015.

²⁸ PERROT, 2007.

²⁹ RAGO, Margareth. Trabalho feminino e sexualidade (p. 579 - 606). In: DEL PRIORI, Mary (org.) **História das mulheres no Brasil**. 7a. Ed. São Paulo: Contexto, 2004.p.576.

³⁰ *Ibid.*, p.576.

³¹ *Ibid.*, p.508.

além da “vitimização”, evidenciando-as como agentes dentro de um processo histórico conhecido como economia da juta, onde as sujeitas produziram formas de resistências contra a dominação masculina, ocuparam os espaços públicos e construíram formas de pensar e agir através do fazer-se classe trabalhadora.

Dessa forma, podemos evidenciar a própria rotina dessas mulheres em situações de exploração dentro das fábricas de tecelagem:

A rotina de trabalho nas fábricas era muito pesada, variando de 10 a 14 horas diárias, estava sob a supervisão dos contramestres e outros patrões. Em geral, na divisão do trabalho, as mulheres ficavam com as tarefas menos especializadas e mal remuneradas; os cargos de direção e de concepção, como os de mestre, contramestre e assistente, cabiam aos homens. Sem uma legislação trabalhista que pudesse proteger o trabalho feminino, as reclamações das operárias contra as péssimas condições de trabalho, contra a falta de higiene nas fábricas, contra o controle disciplinar e contra o assédio sexual encontram espaço na imprensa operária³².

Apesar do trecho citado se referir a outro contexto, as rotinas das fábricas e desigualdade de classe e gênero ainda são reproduzidas nesses espaços, Margareth Rago identifica e contribui para entender as semelhanças e permanências dessas relações de poder que continuam produzindo assédios sexuais, péssimas condições de trabalho e rígido controle disciplinar.

A autora ainda reflete sobre um aspecto essencial para entender a inserção das mulheres no mundo do trabalho, apontando para a construção de uma moral sobre as mulheres trabalhadoras, onde discursos são produzidos sob a ótica masculina. A autora diferencia as formas de tratamento e representação ao comparar as mulheres ricas e pobres, brancas e negras, diferenciando os níveis de desigualdade de gênero dentro de uma sociedade de classe e raça apesar de não adentrar na abordagem interseccional que envolve os eixos de desigualdades, essas dimensões nos são apresentadas³³

Maria Valeria Juno Pena, ao analisar a participação das mulheres no trabalho fabril na primeira metade do século XX no Brasil, exalta:

A racionalização da produção industrial no Brasil na metade do século XX implicou de várias formas, na criação de uma superpopulação relativa que assumisse os atributos de exército industrial de reserva. Expulsas paulatinamente das fábricas, as mulheres continuava a trabalhar nos ateliês domésticos, e prestando humilhantes serviços pessoais, no jogo de esconde-esconde ao qual estavam submetidas, no canto escuro das famílias, elas reproduziram o proletariado para as fábricas e criavam excedentes para o capital. Da mesma maneira que sua incorporação ao trabalho fabril, também sua repulsão estava inscrita na lógica perversa da acumulação

³² RAGO, 2004.

³³ RAGO, 2004.

capitalista do Brasil.³⁴

Em outros termos, a inserção das força de trabalho feminina nos primeiros anos de industrialização do Brasil constata as imposições patriarcais e do capitalismo que tentaram limitar a mulheres no espaço público e a expulsão delas das fábricas, para o trabalho não remunerado do lar, porém a autora dentro de uma perspectiva economicista, resume a participação feminina no mundo do trabalho a condições deterministas de produção do trabalhador ou como mão de obra reversa com desígnio de baratear a força de trabalho.

Outro aspecto para entender a representação das mulheres na história é sob a forma da lei, de acordo com Glaucia Fraccaro “dentro dos limites da legislação, não raras vezes encaradas como aparato monolítico de dominação, as formas produzidas com intuito de moldar as ações comportamentos das mulheres [...]”³⁵. Os decretos de leis que abordam o trabalho das mulheres se apresentam como uma possibilidade para compreender as relações e regulamentações do/sobre trabalho o feminino e os espaços públicos que as mulheres estavam sendo inseridas como força de trabalho, como no caso nas linhas de produção da Fabriljuta, evidenciando a ausência de direitos políticos, civis e imposição de códigos de conduta.

Entretanto, não podemos problematizar a história e historiografia das mulheres e sua inserção nos mundos do trabalho sem levar em consideração a questão de classe e sua relação com a desigualdade de gênero. “A chave para o desenvolvimento de uma compreensão suficientemente dinâmica da classe trabalhadora é a estrutura da reprodução social. Ao pensar sobre essa classe, é essencial reconhecer que os trabalhadores existem além do local de trabalho.”³⁶

Consequentemente, ao abordar teoria da reprodução social, a autora destaca que o trabalho humano está no centro das sociedades, sendo necessário compreender quem são esses sujeitos, e quem faz parte da classe trabalhadora e quem produz o trabalhador? Assim, as discussões dessa abordagem se direcionam para a força de trabalho feminina, dentro de sua subjetividade e especificidade, onde categorias como gênero, raça e sexualidade se apresentam dentro das relações de exploração e opressão produzidas pelo capitalismo.

De acordo com Ricardo Antunes sobre a constituição da vida pública e privada da mulher dentro de uma sociedade de classe, é necessário apontar que o primeiro aspecto está delineando a mão de obra feminina mercantilizada. E no segundo, exprimi a ideia da mulher como reprodutora e mantenedora da força de trabalho que necessita o capital. A representação

³⁴ PENA, Maria Valeria Junho. **Mulheres e trabalhadoras**- Rio de Janeiro: Paz e terra, 1981. p.131.

³⁵FRACCARO, Glaucia. **Os direitos das mulheres: Feminismo e trabalho no Brasil (1917-1937)**-Rio de Janeiro: FGV Editora, 2018, p.176.

³⁶BHATTACHARYA, Tithi. **Teoria da reprodução social: remapeamento de classe, recentralização da opressão**. Tradução: Juliana Penna. – São : Elefante, 2023. p.120.

da mulher no mundo trabalho e no processo histórico está atrelada ao patriarcalismo vigente e sua íntima relação com os meios de produção capitalista.

Nesse sentido, é apresentado alguns aspectos onde podemos problematizar e refletir a partir das histórias das mulheres trabalhadoras da Fabriljuta e sua representação na historiografia amazonense e brasileira. Dentro de uma fábrica de tecelagem as multiplicidades e implicações sobre o trabalho feminino se apresentam nos possibilitando desconstruir a ideia de determinismos biológicos sobre papéis sociais que invisibilizam e silenciam as mulheres trabalhadoras da Fabriljuta³⁷, não apenas na fábrica, mas fora dela, onde para além de ideias positivas sobre o ofício também possamos entender a cultura e forma de socialização desenvolvidas por essas mulheres junto às estratégias de resistência por elas elaboradas contra as desigualdades de gênero.

Memória e história das mulheres

Para compreender a representação das mulheres trabalhadoras, a partir de uma fábrica de tecelagem de fios de juta e de sua inserção nesse processo histórico, é necessário entender como elas se percebem a si mesmas por meio dos relatos orais, ou seja, através de suas memórias, que revelam a construção de suas trajetórias de vida.

Sob o viés de Maurice Halbwachs, as lembranças são socialmente e historicamente construídas perante os elementos que envolvem a memória coletiva, e não apenas a individual. Assim, as lembranças são formadas por uma série de múltiplas relações sociais que moldam esses sujeitos e o modo de recordar determinados momentos que os afetaram diretamente ou indiretamente³⁸.

Embora essa noção da inexistência da memória individual tenha sido bastante criticada, a importância do pensamento de Halbwachs permanece a partir não apenas do fato de ter trazido a memória para o campo da sociologia, mas também por ideias que ainda são centrais para a análise do fenômeno memorialístico. Uma delas é, sem dúvida, a compreensão de que as lembranças dependem do engajamento das pessoas com os acontecimentos e, também, com a relação do presente com o passado vivido³⁹.

Ao citar Halbwachs, a autora destaca que a formação da memória do trabalho se

³⁷ SILVA, 2024.

³⁸ HALBWACHS, Maurice. **A memória coletiva**. Tradução de Beatriz Sidou. São Paulo: Centauro, 2006.

³⁹ SPERANZA, C. MEMÓRIAS EM DISPUTA: : uma reflexão acerca da construção das lembranças operárias. **Revista Historiar**, [S. l.], v. 15, n. 28, p. 7–23, 2023. Disponível em: [//historiar.uvanet.br/index.php/1/article/view/459](http://historiar.uvanet.br/index.php/1/article/view/459). Acesso em: 26 set. 2025. p.9.

constitui a partir da compreensão das lembranças no presente; em outras palavras, a forma como a pessoa se encontra hoje influencia diretamente o modo como recordará o passado. Ao mencionar um dos pioneiros nos estudos sobre memória social, o objetivo é evidenciar que a própria classe trabalhadora se construiu de maneira coletiva, por meio de sua cultura e identidade, as quais não podem ser reduzidas a estruturas meramente economicistas. Desse modo, a memória dos trabalhadores e trabalhadoras é resultado de um processo de negociação;

O terreno para a construção destas memórias é, desta forma, pleno de contradições e negociações. Entre utopias e ucronias, entre passado e presente, entre adesão e confronto, a experiência da exploração é vivida por trabalhadores e trabalhadoras como uma constante negociação da sua própria identidade⁴⁰.

A memória, enquanto campo em disputa, nos revela, por meio da linguagem, as experiências e vivências desses sujeitos e sujeitas. As apropriações, concessões e resistências construídas pelos trabalhadores moldam a maneira como se identificam enquanto classe trabalhadora. Entretanto, em contraposição à linha de pensamento de Maurice Halbwachs e em forma de crítica à noção de memória coletiva, Alessandro Portelli diverge ao afirmar que a construção da memória não se origina apenas no âmbito coletivo

Se toda a memória fosse coletiva, bastaria uma testemunha para uma cultura inteira; sabemos que não é assim. Cada indivíduo, particularmente nos tempos e sociedades modernas, extrair memórias de variadas de uma variedade de grupos, e as organiza de forma idiossincrática. Como todas as atividades humanas, é memória social e pode ser compartilhada (razão pela qual cada indivíduo tem algo a contribuir para a “história social”) mas do mesmo modo que langue se opõe a parole, ela se materializa nas reminiscências e nos discursos individuais⁴¹.

Diante da problemática apontada pelo autor, a memória coletiva só se desenvolveria quando produzida e selecionada no âmbito individual e não apenas como uma memória hegemônica erguida por uma determinada comunidade. Por conseguinte, a intenção ao trazer as memórias e trajetórias das trabalhadoras da Fabriljuta é pluralizar as formas como essas memórias são produzidas, hierarquizadas e diferenciadas tanto pelo sujeito quanto pelo grupo a qual ele pertence.

Ao abordar as memórias de mulheres trabalhadoras através da história oral, segundo

⁴⁰ SPERANZA, 2023. p.13.

⁴¹ PORTELLI, Alessandro. O massacre de Civitella Val di Chiana: mito, política, luto e senso comum. *In*: AMADO, Janaína e FERREIRA, Marieta M. *Usos e abusos da História Oral*. Rio de Janeiro: FGV, 2006. p 23.

Silvia Salvatice⁴² “mulheres, por si mesmas, falam mais diretamente”: as fontes orais poderiam literalmente completar essa tarefa.” Logo, podemos ampliar a pesquisa histórica ao abordar sujeitas que ainda estão vivas e que podem nos relatar seu cotidiano, suas atividades dentro da dimensão do trabalho, as relações sociais e de poder nas quais estavam inseridas.

Um exemplo é um trecho de entrevista onde uma trabalhadora da Fabriljuta destaca elementos de sua memória ao recordar o período que trabalhou na fábrica:

Em 1978, por aí, comecei a trabalhar. Eu já tinha o Ailton e tinha o Adilson. Eram crianças ainda, né. Porque quando me casei estava com 17 anos, aí, eu estava com 3 meses de casada. Porque quando eu trabalhava lá, meu ex-marido ficava em casa. Ele trabalhava de noite, né! Já ficava com as crianças em casa, eu ia. Era assim, a gente revezava. Quando não tinha quem ficasse, aí, “eu já era”, vinha para casa. Era por isso que eu na fábrica, eu não demorei muito tempo⁴³.

Apresentamos um pequeno trecho de uma amostragem de pesquisa⁴⁴ o objetivo desse exemplo é mostrar as múltiplas camadas que as memórias das mulheres de Parintins que adentraram na fábrica construíram sobre aquele período. A metodologia de história oral nos oferece um leque de possibilidades como uma fonte diferenciada.

O desenvolvimento da história oral como parte de um método de investigação participativa abriu-se como um campo promissor em relação à tarefa de descobrir “novos” sujeitos, sua ação e interpretação do presente, apoiada na sua consciência o passado. Busca pontos de encontro entre a disciplina história, a antropologia e ciências sociais, como parte do processo de construção de memória individual, e coletiva, fruto de um trabalho compartilhado e participativo dos sujeitos – protagonista de uma dada realidade⁴⁵.

Ao pensar a construção da memória individual e coletiva sobre determinado fato a partir da história de mulheres que ainda estão vivas, a história oral nos conecta com o presente e o passado, evidencia o protagonismo feminino através da oralidade, conforme Losandro Antônio Tedeschi⁴⁶ a história oral tem um grande alcance por envolver o cotidiano, a cultura e aspectos particulares de atores (as) envolvidos dentro da dimensão social, historicamente construída.

⁴² SALVATICI, Silvia. Memória de gênero: reflexões sobre História Oral de mulheres. In: **História Oral**, v.08, n.1, p. 29-42, jan.-jun. 2005. p.30.

⁴³ Relato de participante da pesquisa. SILVA, 2024.

⁴⁴ SILVA, 2024.

⁴⁵ TEDESCHI, Losandro Antônio. **Alguns apontamentos sobre história oral, gênero e história das mulheres** / Losandro Antonio Tedeschi – Dourados-MS : UFGD, 2014. p. 9

⁴⁶ *Ibid.*, p. 63.

O trecho abaixo evidencia essas particularidades sobre cotidiano das mulheres trabalhadora Fabriljuta:

Contramestre disse assim :“Graça, tu vais trabalhar que o menino vai te ensinar”. Ah, *mano*, aí pegava meus garfos, né, que era difícil pegar ele rodando, não podia parar. Chegava em casa isso aqui meu (braço) inchava. Aí, o menino disse assim para mim, as lágrimas chega (*sic*) descia (*sic*) do meu olho, né, por causa daquela poeira, né. Aí as lágrimas descia (*sic*) do meu olho, olhei a minha mão chegava a ficar preta. Eu fazia tanta força, aí, ele disse: “Não, mana. Não é assim, não” Ele me ensinou. Aí, quando eu já *tava* com 8 meses, eles deixaram trabalhar com ele 8 meses, me lembro *benzinho* quando o contramestre me chamou. Eu fui lá, ele disse assim: “Olha, a partir de amanhã, tu vais tomar conta da máquina sozinha. Tu já demoraste muito com ele te ensinando, 8 meses já dá para tomar conta da máquina. Tu tens que tirar, *arria* 7 balança (*sic*), não deixar os carretéis sair (*sic*) seco, todos têm que sair cheio. Quando teus colegas começarem a arriar tu também tens que arriar e não parar a máquina, tua arria e corta o fio”. Aí, os meninos já estão jogando material aí em cima, né! Aí tu tens que arriar 7 balança (*sic*) com eles, tu tens que te virar aí na máquina.⁴⁷

O fazer-se trabalhadora é rememorado pela operária da Fabriljuta que seleciona essa lembrança, construindo sua memória no presente como um processo de retomada de consciência. Assim, a forma como a pessoa se encontra atualmente influenciará a maneira pela qual sua memória reconstroi o passado, de modo positivo ou negativo. No que se refere à história das mulheres e à memória, podemos destacar o seguinte:

Não há futuro para a história das mulheres sem um exercício arqueológico da memória porque sem ela não se pode resguardar a identidade. Até porque a memória é prima da história, e a própria realidade é marcada por elaborações, interpretações que os sujeitos fazem dela, marcadamente subjetivas.⁴⁸ .

Em outras palavras, ao abordar as memórias, apontamos o protagonismo dos sujeitos, destacando suas vozes, especificidades e identidades por meio das subjetividades, centralizando, neste caso, as mulheres trabalhadoras da Fabriljuta , e produzindo uma história que vá além da oficial.

Não se trata de hierarquizar as fontes, mas de diferenciá-las, construindo uma narrativa histórica não oficial, uma vez que “a experiência humana tem sido fragmentada em realidades múltiplas, marcadas, significativamente, por divisões de gênero.” Os testemunhos orais revelam essas experiências; contudo, para além da ideia de “vitimização” e “passividade” sob o olhar masculino, trata-se dos testemunhos delas sobre elas mesmas.

A história oral de mulheres contribuiu para expandir as fronteiras da história, que

⁴⁷ Relato de participante da pesquisa. SILVA, 2024.

⁴⁸ TEDESCHI, 2014. p.14.

incluíram consequentemente – por exemplo – a atividade ligada aos cuidados: uma esfera de experiência humana que é marcada pelas protagonistas femininas, mas que desempenha um papel básico para vida coletiva⁴⁹.

Deste modo, a história oral das mulheres contribui para compreender a pluralidade de narrativas que as envolvem, sob várias perspectivas. A memória individual e coletiva, cujos testemunhos se entrelaçam, gerando conflitos de memória, silenciamentos e contradições em relação a discursos e visões masculinas.

Outro trecho de testemunhos aponta para atividades ligadas ao fazer trabalhadora.

Eu tinha 2 filhos. Foi difícil, eu deixava (eles) para ir trabalhar, eu trabalhei mais no terceiro turno. Eu entrava às 11 horas da noite saía às 7 da manhã, porque, quando era de dia, eu ficava com eles. Eu dormia de meio-dia para a tarde, ficava com eles de noite até o horário do trabalho e já deixava eles todos dormindo.

O trecho citado explana o cotidiano de uma mulher trabalhadora de fábrica têxtil e sua dupla jornada de trabalho. Elizabeth Souza-lobo ao refletir sobre a classe trabalhadora na região sudeste do país, evidencia a presença os dois sexos na fábrica, nas quais a divisão do trabalho na linha de produção fabril produziu diferentes tipos de relações sociais e experiências de trabalho dentro e fora do ambiente fabril⁵⁰.

Ao abordar ampliação de novo horizontes para investigação histórica, Losandro Tadesch⁵¹ chama atenção para as barreiras na historiografia tradicional em relação às pesquisas que envolvam os sujeitos historicamente marginalizados, como por exemplo as mulheres, uma vez que por muito tempo se privilegiou uma análise mais concreta que envolviam economia e política centralizado sob o viés positivista vindo da Europa.

Assim, quando problematizamos a história oral, história das mulheres e memória dentro das relações gênero podemos ter a seguinte perspectiva:

Ao privilegiarmos a categoria gênero nos estudos históricos e na perspectiva de memória, estamos construindo uma síntese dinâmica das relações materiais, simbólicas, culturais como ponto de referências, uma fonte da qual se pode extrair a relações de gênero, econômicas, culturais, sociais presentes, dando a possibilidade de criticar radicalmente os discursos que construíram essa invisibilidade das mulheres.⁵²

Portanto, ao privilegiar a categoria gênero, apontamos para as ações, experiências, rupturas e permanências presentes na história das mulheres, tendo como ponto de partida as

⁴⁹ *Ibid.*, p.37.

⁵⁰ SOUSA-LOBO, Elisabeth. **A classe operária tem dois sexos: trabalho, dominação e resistência**. São Paulo: Fundação Perseu Abramo / Expressão Popular, 2021.

⁵¹ TEDESCHI, 2014. p.14.

⁵² *Ibid.*, p.18.

lembranças narradas por elas. Isso possibilita ir muito além das construções de papéis e do determinismo biológico, permitindo compreender a própria categoria de gênero como um processo socialmente construído, que produziu relações de poder e evidenciou as especificidades das mulheres em sociedade, rompendo assim com o seu histórico silenciamento.

Conclusão

A análise sobre as mulheres trabalhadoras da Fabriljuta, em Parintins, entre as décadas de 1970 e 1980, permite compreender a relevância de repensar a história e a historiografia a partir das vozes e experiências femininas invisibilizadas pela narrativa tradicional. O estudo evidenciou que, embora as mulheres tenham sempre participado ativamente dos mundos do trabalho, sua representação histórica foi marcada por silêncios, estereótipos e pela imposição de uma lógica patriarcal que as relegou ao espaço privado e subalterno.

Ao inserir a categoria gênero como instrumento analítico, torna-se possível desvelar as relações de poder e desigualdade que atravessaram o cotidiano fabril, bem como reconhecer o protagonismo das trabalhadoras amazônidas na construção de suas próprias trajetórias. As mulheres da Fabriljuta, por meio de suas memórias, revelam estratégias de resistência, solidariedade e enfrentamento diante das condições precárias de trabalho, reafirmando-se como sujeitas históricas que contribuíram de forma decisiva para a formação econômica, social e cultural de Parintins.

A utilização da metodologia de história oral mostrou-se essencial para recuperar essas vozes silenciadas, permitindo compreender como as memórias individuais e coletivas se entrelaçam na constituição das identidades femininas e na reconstrução de uma história plural. Desse modo, o estudo reafirma a importância de uma historiografia comprometida com a escuta e a visibilidade das mulheres, rompendo com a tradição androcêntrica e reconhecendo as múltiplas dimensões, de classe, gênero, raça e território, que conformam suas existências.

Em síntese, a contribuição da história e historiografia das mulheres é essencial para analisar a representação das trabalhadoras da Fabriljuta de Parintins na década de 1970 a 1980, para entendermos seu protagonismo, resistências, singularidades, pluralidades, com base em suas memórias e trajetórias de vida, onde serão evidenciadas suas origens,

cotidiano, relações de poder, e sua inserção dentro do processo histórico conhecido como economia da juta.

Por fim, ao revisitar a experiência das trabalhadoras da Fabriljuta sob a perspectiva da história das mulheres e dos mundos do trabalho, reafirma-se que não há história sem a presença feminina. Reconhecer e escrever sobre essas sujeitas é um ato político e epistemológico de restituição de sua centralidade, reafirmando que a história das mulheres amazônidas é, antes de tudo, uma história de resistência, memória e protagonismo.

Referências

BHATTACHARYA, Tithi. **Teoria da reprodução social: remapeamento de classe, recentralização da opressão**. Tradução: Juliana Penna. – São : Elefante,2023.p.120.

BOURDIEU, Pierre. **A dominação Masculina**: Tradução Maria Helena Kuhner. – 9ª ed. – Rio de Janeiro: Bertrand Brasil,2010.

GARCIA, Carla Cristina. **Breve História do feminismo** – São Paulo : Claridade, 2015.p.06

HALBWACHS, Maurice. **A memória coletiva**. Tradução de Beatriz Sidou. São Paulo: Centauro, 2006.

Informações tiradas da Ata de reunião da câmara dos vereadores de Parintins,p.53 a 54 de 1969 a 1970. IN: BUTEL, Irian; BUTEL, Larice; CURSINO, Jucielle. **História e Memória Política do Município de Parintins: 6ª legislatura**. Parintins: Câmara Municipal de Parintins, 2012

PERROT, Michelle. **As mulheres ou os silêncios da história**. Tradução: Viviane Ribeiro,2007.

_____. **Minha história das mulheres** / Michelle Perrot; [tradução Angela] .Bauru, SP; EDUSC, 2005

PINHEIRO, Maria Luiza Urgate. **Caminhos da história das mulheres no Amazonas**. In: Queiroz, César Augusto B. (org.). Historiografia amazonense em perspectiva. Manaus: Editora Valer,2020.p.223.

PORTELLI, Alessandro. O massacre de Civitella Val di Chiana: mito, política, luto e senso comum. *In*: AMADO, Janaína e FERREIRA, Marieta M. **Usos e abusos da História Oral**. Rio de Janeiro: FGV, 2006.

SAFFIOTH, Heleith Iara Bongioviani. **A mulher na sociedade de classes**.- 3 ed. São Paulo: Expressão Popular,2013.

SALVATICI, Silvia. Memória de gênero: reflexões sobre História Oral de mulheres. In: **História Oral**, v.08, n.1, p. 29-42, jan.-jun. 2005.

SILVA, Matheus Rodrigues. **As experiências de trabalhadores/as da Fabriljuta em**

Parintins – AM. 2024. 124 f. Dissertação (Mestrado em Sociedade e Cultura na Amazônia) - Universidade Federal do Amazonas, Manaus, 2024.

SPIVAK, Gayatri Chakroky. **Pode o Subalterno falar?** Tradução de Sandra Regina Goulart Almeida, Marcos Pereira Feitosa, André Pereira Feitosa.- Belo Horizonte: Editora UFMG, 2010.

SOUSA-LOBO, Elisabeth. **A classe operária tem dois sexos: trabalho, dominação e resistência.** São Paulo: Fundação Perseu Abramo / Expressão Popular, 2021.

SPERANZA, C. MEMÓRIAS EM DISPUTA: uma reflexão acerca da construção das lembranças operárias. **Revista Historiar**, [S. l.], v. 15, n. 28, p. 7–23, 2023. Disponível em: [//historiar.uvanet.br/index.php/1/article/view/459](http://historiar.uvanet.br/index.php/1/article/view/459). Acesso em: 26 set. 2025.

TORRES, Iraildes Caldas. **As novas Amazônidas.** Manaus: Editora da Universidade Federal do Amazonas, 2005.

TRISTAN, Daniela Rebelo Monte. **Trabalhadores da Tecejuta: Experiência Operária e Construção da Memória numa Fábrica Textil do Oeste do Pará (Santarém, 1951-1990).** Dissertação (Mestrado) – Programa de Pós-Graduação em História pela Universidade Federal do Amazonas-UFAM. 2016.

UCHÔA, Mayra de Oliveira. **Colhendo memórias, tecendo histórias: trajetória de mulheres e os mundos do trabalho no baixo Amazonas (1930-1990).** 2021. 177 f. Dissertação (Mestrado em História) - Universidade Federal do Amazonas, Manaus (AM), 2021.

VIEIRA, Ivânia Maria Carneiro. **O discurso operário e o espaço da fala da mulher: um estudo sobre o Linha de Montagem.** Manaus: Editora Valer / Governo do Estado do Amazonas, 2002.